

Migração e religião: Xenofobia e seus desdobramentos, a importância do acolhimento religioso para a saúde mental dos Dekasseguis

Mestre Nelson Luis Nunes Domingues

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar o papel da religião no enfrentamento da Xenofobia em imigrantes descendentes de Japoneses que vivem no Japão, os chamados Dekasseguis e sua influência na saúde mental. Dekasseguis, segundo o Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa, é o estrangeiro com ascendentes japoneses que viaja ao Japão para trabalhar. O termo *dekassegui* em japonês é formado por dois ideogramas (*kanji*), *deru*(sair) e *kassegu* (trabalhar para ganhar a vida), sendo aplicado a qualquer pessoa que deixa sua terra natal para trabalhar, temporariamente, em outra região(Hoshi, 1969) .

Portanto, este estudo se propõe a analisar o modo de vida dos dekasseguis no Japão, trazendo as concepções sobre o adoecimento, o sofrimento psíquico e o estresse no processo migratório (Berry, 2006; Ramos 2006), assim como o potencial papel da Religião no processo de acolhimento e na oferta de estratégias de enfrentamento (*coping*) em face das dificuldades ligadas à saúde mental em contexto migratório (Cochrane, 2006; Huang, 2014). Diante disso, faremos uma reflexão sobre a situação dos Dekasseguis no Japão, partindo da xenofobia, contexto migratório, condições de trabalho e a situação social e de saúde mental e a influência e importância da religião.

A SITUAÇÃO DOS DEKASSEGUIS

A situação dos dekasseguis é bastante complexa pois, de um lado vivem no país de seus antepassados, por outro lado são rejeitados, pelo fato de não dominarem nem a língua e nem a cultura causando assim discriminação e preconceito que geram desprezo. O sociólogo Manuel Castells(2002) define identidade como sendo a “fonte de significado e experiência de um povo”. O significado é o eixo em torno do qual os atores sociais estruturam sua identidade de modo que ela seja capaz de se autossustentar no tempo e no espaço.

Portanto temos um cenário complexo, pois os dekasseguis vivem o dilema identitário de viverem no Japão, mas não são considerados japoneses, aliás muito pelo contrário, são rejeitados pelos moradores locais. Por isso experimentam o desprezo e o desrespeito, isso se configura como ferimento ou ofensa moral e, por conseguinte, como uma negação de reconhecimento de identidade(Oliveira,2005).

O anseio de ter reconhecido os seus direitos, e dentre os seus direitos está o de possuir uma identidade, é uma realidade que se impõe no mundo social como algo primordial, e a falta desse reconhecimento gera adoecimento psíquico. Cerca de 90 % dos dekasseguis trabalham como operários de montadoras ou linha de produção independentemente da posição social ou profissão exercida anteriormente.

O Japão tem leis bem restritivas para o trabalho imigrante, entretanto os descendentes nipónicos são aceitos pelo fato de pertencerem a uma linhagem familiar japonesa. A relação de emigração-imigração entre Brasil-Japão começa a ser datada desde 1908, com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil. A adaptação se deu mediante muitas dificuldades, frustrações e conquistas. Com famílias constituídas de pelo menos duas gerações, começa a migração inversa, também permeada por muitas dificuldades peculiares a cada geração que segue este caminho e o sonho de uma vida melhor.

Verifica-se a alusão aos laços da consanguinidade e pertencimento ao país dos filhos e netos de japoneses nascidos no exterior(Roth,2002). A teoria sobre a nipocidade, diz que o ser japonês é definido por três critérios : raça, sangue, cultura e língua(Befu, 2001). A maioria dos nipo-brasileiros que vivem no Japão não preenchem os requisitos da língua e cultura.

Diante dessa situação, temos então um grande problema para os imigrantes dekasseguis, uma barreira difícil e quase intransponível, já que os japoneses que nasceram e vivem no Japão, acabam discriminando aqueles que mesmo tendo a mesma raça, o mesmo “sangue”, entretanto não tem o domínio da língua e nem da cultura do Japão, e por esse motivo não são bem aceitos pelos japoneses.

O GAMBARÊ

Para entendermos de maneira mais clara todo esse fenômeno, se faz necessário entendermos o que é gambarê. Este termo define um *ethos* tradicional da cultura japonesa que perpassa todo o conjunto das relações sociais, atribuindo um sentido causal às ações e comportamentos individuais e coletivos. *Gambarê*, segundo a definição de Sakurai (1993), significa um esforço para suportar com perseverança e resignação, todas as adversidades impostas pelo “destino”, a fim de que cada indivíduo possa dar a sua contribuição, visando atingir, coletivamente, um estado de “harmonia”.

Este princípio, baseado no confucionismo, ensina que o ser humano deve procurar estabelecer uma relação de harmonia (Ocada, 2003), a expressão gambarê, remete à perseverança como maneira de incentivar o esforço individual e foi incorporada nas relações sociais japonesas com a finalidade de legitimar o engajamento subjetivo na superação de questões sociais(Awaihara, 2023).

No contexto brasileiro, como mostra o estudo de Sakurai (1993, p. 112), a noção de *gambarê* se traduziu pela necessidade de trabalhar ao máximo, economizar ao máximo e renunciar a luxos considerados supérfluos. Isso significa que os dekasseguis, pela própria influência do gambarê, a começar da sua família, são afetados por essa maneira de ser.

Na verdade, é esta a expectativa dos Japoneses, que sejam resilientes e enfrentem os problemas e que superem as barreiras do trabalho, da cultura, língua, de maneira pacífica e resiliente e harmoniosa.

Mesmo com a influência do gambarê na experiência de vida dos dekasseguis, experiência vivida através do contato com os pais ou avós aqui no Brasil, isso não anula ou minimiza os desafios que os dekasseguis enfrentam em terras japonesas.

A XENOFOBIA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Mesmo com a influência da cultura japonesa, o dekassegui enfrenta várias dificuldades, no seu trabalho e modo de viver no Japão. Podemos então destacar que esse tipo de trabalho traz consigo e as marcas da xenofobia. Xenofobia segundo Albuquerque Júnior(2016), significa medo, rejeição, recusa, antipatia e a profunda aversão ao estrangeiro

Podemos começar a nossa reflexão sobre este assunto analisando o contexto em que os dekasseguis vivem no Japão. Esse contexto é bem complicado, pois são imigrantes(dekasseguis), tem a prerrogativa legal para viver no país, mas são discriminados pois não dominam a língua e cultura. Sendo assim, apesar de terem laços e raízes japonesas, não são aceitos por não dominarem a língua e cultura e essa discriminação é sentida pelos dekasseguis, pois a própria nomeação de dekassegui" e "gaijin" é utilizada de modo pejorativo pelos japoneses ao se referirem aos trabalhadores de outros países (*gaijin* = estrangeiro).

1-O TRABALHO PENOSO

De acordo com o Ministério da Justiça japonês, em 2023, havia cerca de 206 mil brasileiros vivem no Japão, segundo Silveira, Goldberg e Martin(2018), cerca de 90 % trabalham como operários de montadoras ou linha de produção independentemente da posição social ou profissão exercida anteriormente. Segundo Inuzuka(2016) as atividades desenvolvidas pelos dekasseguis, que são geralmente as não bem aceitas pelos naturais da terra(japoneses nativos), designadas como atividade de 3 K: *Kitanai* (sujo). *Kitsui* (penoso). *Kiken* (perigoso). Os trabalhadores apenas seguem um processo de linha de produção, que segundo a concepção marxista, este modo de produção caracteriza uma experiência de trabalho alienadora.

Neste aspecto existe a dificuldade no que chamamos de trabalho penoso, Fortino (2009, p. 4) afirma que, sob a ótica sociológica, o trabalho penoso se caracteriza por ser um processo que acarreta diversos constrangimentos profissionais, organizacionais, relacionais e tecnológicos ligados à impossibilidade de articulação por parte do trabalhador dentro e fora das suas atividades profissionais.

O trabalho se torna impessoal e mecânico, pois não há como estabelecer uma relação de identidade com o mesmo(Tsuda,2003). Esse modo de trabalho acaba por contribuir para uma alienação social, pois o trabalho acaba por desgastar o indivíduo pois ele tem dificuldade de se expressar, se sente frustrado, impotente e com dificuldade de opinar e dar sugestões por conta a barreira da língua, fora a própria discriminação no ambiente de trabalho. as indústrias japonesas empregadoras de dekasseguis se baseiam no modelo de produção automatizado denominado fordismo (Lacaz, 2000).

Este tipo de trabalho é realizado em grupo, com uma divisão minuciosa das tarefas. Cada funcionário executa exaustivamente uma única função ao longo do seu turno de trabalho. Não há a necessidade de treinamento e as regras a serem obedecidas são bem elaboradas, com o intuito de criar produtos padronizados. Cada funcionário executa exaustivamente uma única função ao longo do seu turno de trabalho. Os trabalhadores apenas seguem um processo de linha de produção, que segundo a concepção marxista, este modo de produção caracteriza uma experiência de trabalho alienadora.

2- O TRABALHO ALIENADOR

O conceito de "trabalho alienador" refere-se a uma forma de trabalho em que os trabalhadores se sentem desconectados do produto de seu trabalho, do processo de trabalho e, muitas vezes, de si mesmos. Essa alienação pode ocorrer em diversos contextos, mas é especialmente discutida em relação ao trabalho industrial e às condições de trabalho contemporâneas. Aqui estão algumas características e implicações do trabalho alienador, conforme abordado por Awaihara(2023, pg 79,88 e 92)sobre o tema:

2.1. Desconexão do Produto: No trabalho alienador, os trabalhadores não têm controle sobre o que produzem e muitas vezes não se sentem conectados ao resultado de seu trabalho. Isso pode levar a uma sensação de que o trabalho é apenas uma tarefa mecânica, sem significado ou valor pessoal.

2.2. Repetitividade e Monotonia: O trabalho em fábricas, como o realizado pelos dekasseguis, muitas vezes envolve tarefas repetitivas e monótonas. Essa repetitividade pode resultar em uma experiência de trabalho desmotivadora, onde os trabalhadores se sentem como meros "apêndices" das máquinas, sem espaço para criatividade ou desenvolvimento pessoal.

2.3. Falta de Autonomia: Os trabalhadores em situações de trabalho alienador frequentemente têm pouca ou nenhuma autonomia sobre suas funções. Eles são obrigados a seguir ordens e a se adaptar a um ritmo de trabalho imposto, o que pode levar a uma sensação de impotência e despersonalização.

2.4. Impacto Psicológico: A alienação no trabalho pode ter efeitos negativos na saúde mental dos trabalhadores, contribuindo para o estresse, a insatisfação e até mesmo a depressão. A falta de realização e a sensação de estar preso em um ciclo de trabalho sem sentido podem afetar o bem-estar geral.

2.5. Relações de Trabalho: O trabalho alienador também pode impactar as relações sociais no ambiente de trabalho. A competição e a pressão para produzir podem criar um ambiente hostil, onde a colaboração e o apoio mútuo são minimizados, levando a um aumento do isolamento social entre os trabalhadores.

Em suma, o trabalho alienador é caracterizado pela desconexão e pela falta de significado, resultando em experiências de trabalho que podem ser desumanizadoras e prejudiciais ao bem-estar dos trabalhadores. Essa questão é particularmente relevante para os dekasseguis, que muitas vezes enfrentam essas condições em suas funções no Japão.

O trabalho se torna impessoal e mecânico, pois não há como estabelecer uma relação de identidade com o mesmo(Tsuda,2003). Esse modo de trabalho acaba por contribuir para uma alienação social, pois o trabalhador se desgasta pois o indivíduo tem dificuldade de se expressar, se sente frustrado, impotente e com dificuldade de opinar e dar sugestões por conta a barreira da língua, fora a própria discriminação no ambiente de trabalho O resultado disso segundo Valla(2006), é o isolar-se socialmente sem ter com que conversar de forma íntima, pode representar um perigo para a saúde tão sério quanto á obesidade, a falta de exercício ou as altas taxas de colesterol

Essa vulnerabilidade por conta dessa alienação, além dos problemas acima mencionados podem levar aos transtornos mentais, estudos apontam que pelo menos 3% dos imigrantes são diagnosticados com problemas como a depressão e distúrbios mentais. Neste caso um dos maiores fatores que dificultam o tratamento é a língua, pois existe uma grande dificuldade de comunicação, o que dificulta o tratamento pois muitas vezes o trabalhador não consegue se expressar, o que torna o tratamento inviável pela dificuldade de comunicação. Beltrão e Sugahara (2006) apontam que, no Japão, não existe limite para a quantidade de horas trabalhadas.

Sendo assim, é possível dizer que algumas empresas japonesas normalmente utilizam um sistema de horário de certa forma ilegal. Portanto, além das questões da alienação, os trabalhadores têm uma carga horária muito extensa e com quase nenhuma

pausa, o que além das questões do desgaste emocional geram um cansaço físico. A jornada de trabalho, possivelmente desgastante, impulsionada pelo pagamento de horas-extras, e o trabalho em turnos, interferindo no ritmo circadiano (vigília-sono).

A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO

Portanto esse processo de rejeição, preconceito e exploração geram esta ambiente de xenofobia que dificulta e muito a vida dos dekasseguis. Além de todos estes problemas aqui levantados, também devemos levar em conta que apesar de sua modernidade tecnológica, o Japão não é um país onde a psicanálise por exemplo é bem difundida, ou seja, quase não se tem atendimento psicológico disponível.

Sendo assim, no Japão os serviços psiquiátricos e psicológicos não são popularizados como acontece em outros países, e o resultado disso é que de certa forma os líderes religiosos acabam exercendo essa função de acolhimento e ajuda dentro de suas limitações. Estudos mostram que o aparecimento de transtornos físicos e psíquicos está profundamente relacionado às emoções e sentimentos de vulnerabilidade (Valla, 1999;2006). No caso dos dekasseguis além de todos os aspectos aqui já apresentados e que evidenciam a xenofobia, como o descaso com a saúde dos dekasseguis e a falta de empatia em relação às dificuldades com a língua e a adaptação ao novo país, é preciso destacar a visão a relação e a forma como o dekassegui vê os japoneses, verificou -se que estes são tidos como distantes, o que se constitui em empecilho para a identificação do dekassegui como japonês e isso gera o de sentimento de preconceito.

Portanto estes imigrantes nipo-brasileiros precisam buscar refúgio e formas de enfrentamento para seus problemas nas redes de apoio social , tais como grupos de amigos, família, e instituições religiosas. Enfrentam a xenofobia, a dor da rejeição, a religião e a comunidade religiosa aliadas ao poder de coesão do grupo representam formas solidárias e criativas de lidar com as dificuldades apresentadas afetando positivamente a saúde mental dos dekasseguis.

É sabido que os grupos religiosos podem oferecer suporte moral para a manutenção de valores e de identidade cultural e religiosa, orientando na educação dos filhos e ações de cuidado e prevenção ; relacionados às crises e conflitos pessoais, familiares e sociais (Silveira, Goldberg, Martin, 2018). O estresse tem estado ligado à migração, e com isso tem sido associado à ansiedade, depressão, abuso de substâncias, ideação suicida e transtornos mentais graves como a esquizofrenia. A migração pode ser

entendida como um processo parecido com o luto, onde o indivíduo ao se afastar da família e de seus entes queridos, da língua, da cultura, da pátria, do status social, do contato com os grupos aos quais pertence e de possível segurança quanto a riscos para a integridade física.

Portanto vemos que a importância da religião se dá nos seguintes aspectos:

a) Coesão ou Acolhimento: A pessoa não sente que está só e isso é fundamental para prevenção e tratamento do estresse, pois a religião traz consigo a questão do pertencimento.

b) Espaço Religioso: Existem resultados positivos da religiosidade sobre o estado de saúde, é que a religião é um grande responsável pela formação de comportamentos de proteção, assim como de comportamentos que conduzem à saúde, como, por exemplo, o não uso de álcool e drogas, o cumprimento de ordens médicas e o incentivo ao exercício físico regular (Murakami, Campos,2012).

Reconhecimento de sua identidade: Em situações estressantes, a religião pode proporcionar às pessoas um sentimento de pertencimento, conexão e identidade (Pargament, 2010). Portanto a religião tem um papel fundamental no enfrentamento da Xenofobia em relação aos Dekasseguis , trazendo suporte, acolhimento, pertencimento e dignidade.

Sim, a religião desempenha um papel importante na adaptação dos dekasseguis no Japão. A prática religiosa pode oferecer suporte emocional, social e cultural, ajudando os imigrantes a lidarem com os desafios da migração e a se integrar em um novo ambiente. Aqui estão algumas maneiras pelas quais a religião pode influenciar a adaptação dos dekasseguis(Awaira, 2023, pgs 80,88,95e 80):

a) As comunidades religiosas frequentemente funcionam como redes de apoio, proporcionando um espaço onde os dekasseguis podem se conectar com outros imigrantes e pessoas de sua cultura. Essas redes podem oferecer suporte emocional, ajuda prática e um senso de pertencimento, o que é crucial em um ambiente onde podem se sentir isolados.

b) Manutenção da Identidade Cultural: A prática religiosa pode ajudar os dekasseguis a manter sua identidade cultural e suas tradições, mesmo em um país

estrangeiro. Participar de rituais, festividades e atividades religiosas pode reforçar os laços com suas raízes e proporcionar um senso de continuidade em suas vidas.

c) Espaço para Reflexão e Conexão Espiritual: A religião pode oferecer um espaço para a reflexão pessoal e a conexão espiritual, ajudando os dekasseguis a encontrar significado em suas experiências de migração e trabalho. Isso pode ser especialmente importante em momentos de estresse ou dificuldade, proporcionando conforto e esperança.

d) Integração Cultural: Em alguns casos, a religião pode facilitar a integração cultural, permitindo que os dekasseguis interajam com a sociedade japonesa. Algumas comunidades religiosas podem promover o diálogo intercultural e a compreensão mútua, ajudando os imigrantes a se adaptarem melhor ao novo contexto social.

e) Práticas de Lazer e Comunidade: As atividades religiosas muitas vezes incluem eventos sociais e comunitários que podem servir como oportunidades de lazer e interação social. Isso pode ajudar a combater o isolamento e a solidão que muitos dekasseguis enfrentam em sua nova vida no Japão.

Portanto no caso dos dekasseguis no Japão podemos afirmar a importância do papel da Religião na saúde mental dos dekasseguis. Isso se dá por conta de todos esses aspectos que vimos anteriormente, afinal a religião inclusive supre as questões emocionais seja ela no próprio acolhimento, mas também na ausência da presença do Estado em relação à saúde mental, pois possui alguns mecanismos que auxiliam no cuidado do estresse e da depressão, ou seja da saúde mental.

CONCLUSÃO

Portanto este estudo se propôs a estudar o modo de vida dos dekasseguis no Japão, trazendo assim as concepções sobre o adoecimento, o sofrimento psíquico e o estresse no processo migratório (Berry, 2006; Ramos 2006), assim como o potencial papel da Religião no processo de acolhimento e na oferta de estratégias de enfrentamento (*coping*) em face das dificuldades ligadas à saúde mental em contexto migratório (Cochrane, 2006; Huang, 2014). A situação dos dekasseguis é bastante complexa pois, de um lado vivem no país de seus antepassados, por outro lado são rejeitados, pois não dominam nem a língua e nem a cultura causando assim discriminação e preconceito que geram desprezo.

Conforme analisamos neste trabalho, essa rejeição é muito difícil para os dekasseguis, pois ao mesmo tempo que estão no país de seus pais ou avós, ou seja seus ancestrais, eles são rejeitados pois não dominam nem o idioma ou cultura, sendo assim tem uma grande dificuldade com a identidade. Lembrando como Manuel Castells(2002) define identidade como sendo a “fonte de significado e experiência de um povo”.

Sendo assim, e diante deste cenário, enfrentam o dilema identitário de viverem no Japão, mas não são considerados japoneses, muito pelo contrário, são rejeitados pelos moradores locais. O desprezo se configura como ferimento ou ofensa moral e, por conseguinte, como uma negação de reconhecimento de identidade(Oliveira,2005).

Por conta da discriminação, sofrem a xenofobia, pois não são considerados japoneses, vivem essa crise de identidade pois além de não serem considerados japoneses, estão longe do Brasil, a terra que nasceram. Portanto a xenofobia, é um preconceito e hostilidade contra pessoas de outras nacionalidades, etnias, culturas ou regiões, neste caso dos dekasseguis se agrava pelo fato de legalmente serem considerados “japoneses”, mas isso na prática não ocorre, muito pelo contrário, existe uma cobrança no sentido de se são descendentes de japoneses também deveriam dominar a língua e a cultura, o que gera um sentimento de rejeição abandono e até certo ponto de culpa.

Sendo assim, além desta questão que envolve identidade que é marcada pela xenofobia, deve-se levar em conta que essa situação leva os dekasseguis ao trabalho penoso, que é marcado pela longa jornada de trabalho, a dificuldade de comunicação no trabalho, seja para expor situações de algum problema no trabalho como de convivência com japoneses, como também o sentimento de inferioridade, e em alguns casos, onde o dekassegui trabalhava aqui no Brasil em um trabalho que não era braçal, ao chegar no Japão, precisa de uma adaptação tanto na questão do trabalho em si, já que muitos tinham outro tipo de atividade aqui no Brasil, como na perspectiva de futuro, não vão conseguir trabalhar em outras atividades, ou seja, tem dificuldades no presente e no futuro, que acaba levando a sérios problemas de saúde mental pois não tem perspectiva de futuro.

O anseio de ter reconhecido os seus direitos, dentre os seus direitos está o de possuir uma identidade, é uma realidade que se impõe no mundo social como algo primordial, e a falta desse reconhecimento gera adoecimento psíquico. É sabido que os grupos religiosos podem oferecer suporte moral para a manutenção de valores e de identidade cultural e religiosa, orientando na educação dos filhos e ações de cuidado e prevenção ; relacionados às crises e conflitos pessoais, familiares e sociais (Silveira, Goldberg, Martin, 2018).

Nos grupos religiosos, eles podem além dos atendimentos(alguém pode ouvir), criarem vínculos de amizade, podem se expressar na língua materna, serem acolhidos por aqueles que tem a mesma dor, acolherem também os seus compatriotas, ou seja podem ter ali um lugar seguro e acolhedor, um refúgio diante das dificuldades que eles enfrentam no dia a dia.

A religião pode ser um fator significativo na adaptação dos dekasseguis, oferecendo suporte social, mantendo a identidade cultural e proporcionando um espaço para a reflexão e a conexão espiritual. Essa dimensão da vida dos dekasseguis é importante para entender como eles navegam os desafios da migração e buscam construir uma nova vida em um país estrangeiro. A religião mobiliza o sentido de identidade e pertencimento, contribuindo assim para a saúde mental dos dekasseguis. Diante disso concluímos que a religião é um fator importante na dinâmica de vida dos dekasseguis.

REFERÊNCIAS:

- ALBUQUERQUE J. D. M. Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro. Cortez Editora, 2016.
- AWAIHARA, L. Formação e trabalho do dekassegui: uma análise do tempo social do modelo japonês. 2023. Tese de Doutorado.
- BEFU, H. Hegemony of homogeneity: an anthropological analysis of " Nihonjinron". Japanese Society, 2001.
- BELTRÃO, K.I; RONCATO, M.S. Permanentemente temporários: decasséguis brasileiros no Japão, R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006. Acesso: 20 de junho de 2018.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 23, p. 61-85, 2006.
- BERRY, J. W. Migração, aculturação e adaptação. In DEBIAGGI, S. D., PAIVA, G. J. (ORGs). *Psicologia, E/Migração e Cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade(A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura). São Paulo, Paz e terra, 2002. Vol. 2.
- COCHRANE, J. R. Religion in the Health of Migrant Communities: Asset or Deficit? *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 32, n.4, 2006.
- Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>
- FORTINO, S. Modernização no trabalho: conflitos sobre o sentido do trabalho e novas formas de penosidade. In: CESTEH/ENSP - Centro de Estudos em Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, 2009, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: ENSP, 2009. Disponível em: <Disponível em: <https://goo.gl/UYmHd> >. Acesso em: .
» <https://goo.gl/UYmHd>
- HOSHI, M. Novíssimo dicionário japonês português. Cultural Japão-Brasil. Japão, 1969.
- HUANG, M.F.C. Estudo comparativo do coping religioso em mulheres protestantes de origem chinesa taiwanesa e brasileira, na Grande São Paulo (mediante a Escala CRE-Breve). 2014. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social. São Paulo: Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Acesso em 24 out. 2020.

- INUZUKA, Y. Vivências de Dekasseguis apreendidas através do Psicodiagnóstico de Rorschach. 2016
- KOGA, S. T; AMARAL, S. T. I. O Assédio Moral no Ambiente de Trabalho do Dekassegui. ETIC - Encontro de Iniciação Científica. América do Norte, v. 3, n.3. 2009. Acesso: 12 de setembro de 2018.
- LACAZ, F. A. C. Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 151-161, 2000.
- MARTIN, D; GOLDBERG, A; SILVEIRA, C. Migração, Refúgio e Saúde: perspectivas de análise sociocultural. Saúde e Sociedade, v. 27, p. 26-36, 2018.
- MURAKAMI, R., CAMPOS, C. J. G. Religião e saúde mental: desafio de integrar a religiosidade ao cuidado com o paciente. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 65, p. 361-367, 2012.
- OCADA, F. K. Migração e trabalho no mundo contemporâneo: uma experiência acerca da migração dekassegui. TRAVESSIA-revista do migrante, n. 45, p. 37-41, 2003.
- OLIVEIRA, R.C. Identidade Étnica, reconhecimento e o mundo moral. Revista Antropológicas. V.16, N.2, P.9-40, 2005
- RAMOS, N. Migração, aculturação, estresse e saúde: Perspectivas da investigação e intervenção. Universidade de Coimbra, Portugal, 2006.
- ROTH, J. H. Brokered Homeland: Japanese Brazilian Migrants in Japan. Cornell University Press, 2002.
- SAKURAI, C. Romanceiro da imigração japonesa. São Paulo: Sumaré, 1993. 112p.
- TSUDA, T. No exterior sem pátria: liminaridade transnacional, alienação social e mal-estar pessoal. Em busca de casa no exterior: nipo-brasileiros e o transnacionalismo , p. 121-162, 2003.
- Valla V.V. Vida Religiosa como Estratégia das Classes Populares. In: Vasconcelos E, organizador. *A Espiritualidade no Trabalho em Saúde* São Paulo: Editora Hucitec; 2006. p. 265-295.